



---

## A última fronteira

Desde tempos imemoriais que o ser humano procura encontrar a origem da existência. As religiões sucederam-se, os processos e directivas de esquemas espirituais apareceram disseminados por todas as latitudes e longitudes do planeta.

Hoje em dia, milhares de pessoas procuram orientações e mestres que existem em profusão por todos os cantos do mundo, aproveitando a euforia da tentação do mistério do oculto, pulverizando a sociedade humana de interpretações diversas sobre os textos sacros, revelações históricas e espirituais de povos de tempos remotos, bem como o aproveitamento de energias de tudo e de mais alguma coisa para curas prodigiosas e milagrosas, que dão lugar a cursos de terapia de custos monetários que se não regateiam, numa atitude de manifesta fascinação, sem tempo para observar criteriosamente se a proveniência é honesta ou se, subjacente a esses mestrados, se desenvolvem sub-repticiamente esquemas de obtenção de compensações monetárias e, ou, interesses inconfessáveis.

Diremos unicamente, que nos parece que o ocultismo está na moda. É chique frequentar cursos disto e daquilo, desenvolver conversações mirabolantes sobre a continuidade da vida para além da chamada morte, dando-se um pouco de ar de profundo conhecimento, que roça por vezes o convencimento de possuírem poderes sobrenaturais, contando histórias de experiências pessoais de natureza psíquica e transcendental.

Não queremos dizer com isto que tudo é mau, mas estamos alertados de que, no fim dos tempos, aparecerão os falsos profetas que se aproveitarão da crença e da ânsia de salvação daqueles que, ainda em simplicidade e desejo de crescimento, não estão preparados, quer em termos de sabedoria interior, quer em termos de perspicácia, para discernir das intenções e motivos em presença.

Nos mundos da forma, o fim dos tempos está relacionado com o fim de cada ciclo evolutivo, tal como se diz também nas escrituras sobre a eternidade. Quando mencionam a eternidade das eternidades, referem-se a ciclos de vivências evolutivas, visto a vida ser infinita.

O nosso fim dos tempos, coincidiu com o final do ciclo evolutivo de provação (o de peixes), estando agora em começo o de regeneração (o de aquário).

Por tal motivo, verificamos haver tantos nossos irmãos à procura do conhecimento espiritual e, por outro lado, vamos tendo conhecimento de tanta



---

marginalidade, de crimes horrendos, de guerras sem fim, a ocorrerem em todas as partes da terra.

Ao lado do amor e da fraternidade, campeia o ódio, a desavença, o divisionismo. Deste modo entrámos na fase da separação do trigo do joio, de que nos falou Jesus, para que a colheita espiritual tenha lugar.

Em todo o seu apostolado nos diz Jesus que o reino dos céus está dentro de nós. Mencionam os apóstolos que Jesus, com frequência, se retirava para os campos e montes e se recolhia em oração, em plena natureza, atingindo assim no profundo silêncio da sua alma a comunhão com Deus.

Os apóstolos, por diversas vezes o encontraram em estados alterados de consciência, e foi numa dessas ocasiões em que o iam chamar, que o surpreenderam em meditação profunda, tendo ficado espantados e extasiados, com o aspecto de envolvimento que observavam.

Intuitivamente sabiam que se processava ali a ligação directa com o divino, a alma relativa aberta ao fluxo de Deus, cheio de encanto e sacralidade.

Cheios de elevação e reverência pediram a Jesus: “Mestre, ensina-nos a orar”. Indubitavelmente queriam viver tão fascinante momento do êxtase que contemplavam em Jesus.

Segundo os livros sacros, foi assim, em resposta a este pedido, que o mestre legou a toda a humanidade a oração do “Pai Nosso”.

Porque teima o homem encontrar Deus, aqui, ali, ou acolá, quando o mestre dos mestres nos disse que ele se encontra dentro de nós? Porque perdemos tanto tempo à procura de mestres, quando o temos, desde sempre, no mais íntimo da nossa alma?

Através da prática da meditação, que é a estrada apertada, podemos encontrar a fé, que é o vestíbulo aos pés do degrau da porta estreita.

Há uma parábola de Jesus, a da semente, que nos dá a ideia de como se adquire a fé:

“O reino de Deus é como se um homem lançasse a semente à terra, e dormisse, e se levantasse de noite e de dia e a semente germinasse e crescesse, sem ele saber como. A terra por si mesma produz frutos; primeiro a erva, depois a espiga e por último o grão cheio na espiga. Depois do fruto amadurecer, logo lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa”. (Marcos).



A fé é como uma semente, porque é vivência que vai germinando e crescendo na nossa alma, porque depois de a sentir não deixamos mais de cuidar dela; ela traz-nos a harmonia, a paz e, sobretudo, propicia sermos envolvidos pelo amor divino.

Fé vem do termo latino fide, que é radical de fidelidade. Fé é uma atitude de fidelidade, de harmonização, de sintonia. Foi a palavra ocidental que melhor se apresentou aos tradutores do sânscrito, do copta e do aramaico, para transmitir a vivência da alma relativa com a alma absoluta, conforme Jesus e os apóstolos compreendiam esse estado de consciência.

Fé é como um receptor de alta-fidelidade, a alma humana, recebendo emissões de um transmissor, Deus, em alta sintonia.

Jesus era um esotérico cuja alma estava repleta de sabedoria. Para isso basta apenas analisar as suas parábolas, o sermão da montanha e as respostas que dava às perguntas que lhe faziam. Têm, na sua essência, um imenso simbolismo, “para quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir”, como costumava dizer. Têm o cunho do real, a presença da inteligência divina.

Nele encontramos tudo que existe de verdadeiro em todas as religiões, no esoterismo espiritual geral, nas doutrinas espiritualistas, e em tudo que se ocupa da ciência do espírito, que nos foi dado estudar.

Para alimentar a sua alma, ele entrava no silencioso recolhimento, que o levava à fonte, através da meditação.

Existem no mundo, espalhados pelas livrarias (e não só), livros, compêndios, mil e uma orientações de paragem da mente, de repetição de mantras, de posturas físicas, e ainda consultórios, ateliers, onde mestres ensinam tudo aquilo que referenciámos, a troco remunerativo (voltamos a dizer que nem tudo é mau, no mínimo vão-se despertando consciências).

Cada ser humano é um ser único, cujas múltiplas experiências de vidas diferenciadas na forma, o torna mais apto na aprendizagem, em determinadas áreas, como vias para o conhecimento. E só a partir de si, pode chegar ao como e ao modo mais adequado para naturalmente proceder, com eficaz satisfação interior.

Por isso, na ciência védica, os yoguis criaram diferentes processos práticos e intelectuais para o progresso evolutivo do homem, apelando à meditação.

O hatha-yoga: a via que conduz ao conhecimento e ao domínio do veículo físico, a fim de o purificar, cuidando da sua saúde, tornando-o forte, ensinando



---

como se deve respirar, em harmonia com a natureza, porque segue estritamente o método natural de toda a criação fazendo dele um bom instrumento, ao serviço do eu superior. É a filosofia do bem-estar físico.

O raja-yoga: é a via que leva ao conhecimento da estrutura mental, sua aplicação e domínio, com vista a poder atingir, com boa eficiência, determinados estados de consciência pelo controlo da mente. É de extrema importância esta via, para se poder atingir uma perfeita meditação.

O jnana-yoga: é a via do saber científico e intelectual de assuntos relativos à vida, à evolução e a tudo com que a vida se relaciona, o penetrar através do intelecto no universo enigmático. É o yoga da sabedoria.

O bhakti-yoga: é a via do amor, da compaixão, da religiosidade interior, da compreensão, da dor e do sofrimento de si próprio e dos outros seres, sem distinção. Nele se expressa o grande amor, adoração e devoção a Deus e ao próximo como a si mesmo.

Por ser impossível desenvolver e pormenorizar aqui, neste pequeno espaço, estas e ainda outras vias, como o karma-yoga, o darma, etc., definimos apenas algumas, de modo a ilustrar aquilo que anteriormente dissemos: que cada um destes ramos do conhecimento espiritual é um alicerce para a meditação que está sempre presente nestes estudos, adaptando-se às condições e temperamentos diversificados de cada ser, não deixando qualquer delas, individualmente, ou em combinações de algumas, de chegar ao mesmo fim.

Pelo que atrás apresentámos, concluímos que para além do conhecimento intelectual adquirido, que é básico, necessário se torna aprender a meditar, para que ao entrarmos no nosso interior, possamos ter acesso à fonte, de onde nasce toda a sabedoria.

Então e a ciência tradicional? A ciência tradicional é muito importante, mas ela trata apenas do que é percebido aos órgãos sensoriais da forma. Ela está virada para aquilo a que chama “o concreto” e é um factor de desenvolvimento e adestramento do intelecto humano.

A ciência, na sua generalidade, apresenta o efeito da actividade intelectual do ser, numa demonstração real do inteligir, que Deus, na sua criação, concedeu ao homem.

Através das descobertas que cientificamente se vão obtendo, o homem espiritual vai confirmando o que já intuitivamente tinha compreendido antes, sem a comprovação de rigor, a que a ciência está sujeita para ser considerada válida. É a análise do exterior.



Através da meditação, o homem entra em outro âmbito científico, a ciência do espírito, a descoberta de si mesmo, o sair da sua mente de milênios que é a estrutura social criada pelo ego físico, mental e emocional do homem, recheada de conceitos, preceitos e preconceitos, que regeram e regem o seu comportamento no nosso mundo.

O homem espiritual não tem que provar nada seja a quem for. A única prova que tem que fazer é a si próprio, porque a experiência que adquire é interior e de ordem mística.

Qual seria a cultura científica tradicional de uma Teresa d' Ávila, de um João da Cruz, de um Francisco de Assis ou de um Buda? No entanto, qualquer deles atingiu a iluminação pela interiorização, ou seja, pela via mística, que lhe foi facultada pela meditação.

Onde está a explicação científica tradicional comprovada por  $a+b=c$ , deste fenómeno? Não há. A explicação só a têm aqueles que a atingiram, e não a podem transmitir porque o vocabulário que a humanidade possui não a permite expressar, até porque é algo que se sente, que se vive, e portanto, para a saber é necessário vivê-la.

Meditar é pois um processo que podemos definir, paradoxalmente, como uma abstracção consciente, sendo tudo atenção, cuja atitude é de não fazer absolutamente nada. Apenas testemunhar.

Para meditar, procura-se ficar nalgum sítio em que não haja possibilidade de perturbação, quer por interrupção, quer por alteração sonora, devidamente acomodado, não necessitando de nenhuma postura pré estabelecida, a não ser aquela que se escolher por proporcionar a melhor comodidade.

Quando, pela prática da meditação, o ser entra com naturalidade nesse estado, poderá, se necessário, meditar em qualquer situação.

Chama-se mente ao conjunto de pensamentos que foram acumulados desde o princípio, que funciona como uma base de dados e constitui sobretudo a estrutura social criada pelo “ego físico mental e emocional” do homem, que ditou as leis pelas quais se rege o comportamento humano em sociedade.

Fazer anátema dessa estrutura, é não ter a consciência do quanto ela serviu e serve como elemento de resistência e de desenvolvimento para a evolução, bem como de contenção de instintos inferiores e desejos inconfessáveis.

Assim, numa tentativa de estabelecer regras de comportamento, embora imperfeitas, elas foram e são complemento da lei de causa e efeito cósmica, porque nada existe que aconteça por acaso e não tenha uma razão de ser.



A estrutura mental é como um computador: cheia de informação, que opera matematicamente e não se pode fazê-la parar, pois que, para isso, e sem resultado, ter-se-ia que entrar em concentração e desenvolver a força de vontade, o que resulta em estar a fazer alguma coisa. Tudo que é forçado, é contra a meditação.

Ela parará por si mesma, se o meditador se colocar numa situação passiva, ouvindo o que a mente lhe sugere e vendo as imagens que ela lhe reflecte, sem contudo lhe dar seguimento, não comentando, não criticando; pura e simplesmente observando do que mentalmente lhe é proposto ou mostrado.

Suponhamos que alguém encontra um conhecido na rua e lhe começa a contar algo, que acha que lhe deve contar, mas, ao fim de algum tempo, deu conta que o conhecido estava ausente, olhando para todo o lado e não lhe dando qualquer atenção. Nesse momento repara que o conhecido não está interessado. Esteve todo aquele tempo falando em vão e, desiludido, cala-se.

É mais ou menos assim. Temos que nos servir das palavras, embora as palavras, nos assuntos espirituais, quase sempre, se não sempre, não cheguem.

A esta sequência de pensamentos e imagens chama-se o objecto de observação, que são as componentes da personalidade, criadas ao longo das reencarnações pelo pensamento e que fazem parte da estrutura mental existente.

Toda a atenção neutra é requerida, para obtermos a compreensão do que nos é apresentado como sendo criação anterior do pensamento, e se mostra, por falta de consistência da realidade, claramente ilusória. Serviu, mas já não serve, em presença da estrutura espiritual superior.

Uma vez adquirida esta compreensão, estão criadas as condições para sairmos fora da estrutura mental existente, que nos aprisiona.

Nunca poderá o homem deixar de providenciar a sua transformação, adoptando os valores espirituais na sua vida do dia-a-dia, prosseguindo na constância da senda da sua evolução, no que a meditação lhe será de benefício vital, como adiante se verá.

Para o homem saber quem é, terá primeiro que saber o que não é.

O homem não é o corpo físico da dimensão em que vivemos, nem é, também, os outros corpos de frequência vibratória, correspondentes a outros planos de matéria mais subtil, onde a vida se manifesta.



O homem não é o intelecto. O intelecto é o utensílio de que a inteligência se serve, para os seres desenvolverem a sua capacidade de inteligir.

O homem não é a mente. A mente é o conjunto dos pensamentos, que formam um aglomerado mental.

O homem não é o pensamento. O pensamento é o utensílio de que o complexo físico/espiritual se serve, para desenvolver a capacidade criadora do homem. O pensamento é memória, contém os conhecimentos adquiridos.

O homem não é o ego físico, mental e emocional. O actual ego físico, mental e emocional é a personalidade que o homem criou ao longo de milénios, que assumiu os valores materiais do mundo.

Se houver actividade do eu personal, não é possível a meditação.

A actividade do eu personal tem, como base, o funcionamento do pensamento que, por sua vez, necessita de tempo. A meditação é a suspensão do tempo psicológico, visto entrar em dimensões onde não existe tempo nem espaço.

Então o que é o homem? Em termos apenas intelectuais o homem é espírito, à imagem e semelhança de Deus, sendo que o espírito é vida, inteligência, consciência. Sabe-se, de facto, somente quando a alma humana atinge as condições evolutivas para viver a verdade.

Assim, para o homem meditar, deverá instalar-se comodamente, descontraindo-se o mais possível, sem desenvolver qualquer esforço, sem controlar o processo, absolutamente receptivo, tornando-se um observador, sem interferir nas imagens e pensamentos que lhe estão sendo propostos, e sem manifestar qualquer desejo.

Claro que isto não acontece com facilidade. É necessário ser paciente, passivo, sem o desejo que aconteça ou a vontade do querer que aconteça. Tudo virá a seu tempo, com a maior das naturalidades, indo de nível de consciência em nível de consciência, cada vez mais profundo.

No estado primário de consciência, para a entrada em meditação, ter-se-á que prestar, de início, muita atenção - sem qualquer crítica ou interferência - às sugestões que são colocadas, para se verificar que não são produto do pensamento, do conhecimento já adquirido.

A dada altura, o homem, ao chegar ao patamar de profundidade requerido, que representa um determinado estado de consciência, atingirá a condição de observador, que ainda não é o real; o real ainda não foi conseguido.



Como observador, e no estado de consciência em que se encontra, já fora da sujeição dos conceitos estabelecidos pela mente, passa ao contacto com a mente universal, onde, pela observação, e possuidor de intuição lúcida, obtém uma compreensão mais abrangente de conhecimento espiritual, que até aí lhe estava vedado.

Neste estado, o homem tem todas as condições para começar a proceder definitivamente à transformação do seu eu inferior, pelo conhecimento que consecutivamente vai obtendo pela prática da meditação, visto ter chegado ao limiar da “última fronteira” do ciclo evolutivo do plano hominal.

Até aqui encontrámos o objecto (pensamentos, situações e imagens) e o observador (a individualidade que não faz nada, apenas observa).

Falta-nos encontrar o eu real do homem, aquilo que o homem é.

O homem tem que ter presente que o caminho espiritual é um caminho de verdade, de justiça, onde tudo é impossível de ser defraudado, enganado ou manipulado, onde tudo se processa com rigorosa verdade, onde se avança à medida que as condições o admitam; não se pode comprar, mercantilizar, obter por favor ou pela força.

Um dia, dá-se conta que está contemplando o objecto e também o observador; atingiu a sua autenticidade, encontrou-se a si mesmo, sabe quem é, porque vive essa realidade repleta de luminosidade.

Deste modo, percebemos correctamente que o objecto é o observador, sendo que o observador é o observado.

Suponhamos que alguém, numa noite estrelada, recostado no seu jardim, olha o firmamento e nota a luminosidade de uma estrela, que se destaca das demais, e a observa atentamente na sua intermitência de luz.

Mais adiante, em ponto mais alto, num outro jardim, alguém deu pelo facto da observação. Temos a estrela (o objecto), o observador que se recostou no seu jardim e a testemunha da observação, que sabe de si, do observador, e do objecto observado.

São palavras que não chegam para uma explicação total, mas fica a ideia.

Quanto à alegria que sente, ao êxtase de felicidade impregnada do amor divino, à compreensão de tudo, à unidade do todo, não se pode explicar, falar ou escrever; é algo de muito íntimo, que apenas o homem que vive esse momento sabe.





Estamos vendo os cépticos, os gozadores, os orgulhosos do seu imenso saber terreno que, ouvindo ou lendo o que aqui se escreveu, para aqui volvem olhares indulgentes e divertidos, dizendo que tudo isto é fantasia, produto de mentes perturbadas.

Resta-nos a consolação de saber que, um dia, também eles encontrarão essa última fronteira, que os libertará da ignorância de si mesmos.

No entanto, é importante que não acreditem no que aqui estamos transmitindo, porque muito mais importante será experienciá-lo.

Não podemos deixar de transcrever um prefácio de Jiddu Krishnamurti, em Março de 1979:

“o homem, para se evadir dos seus conflitos, tem inventado muitas formas de meditação. Estas têm por base o desejo, a vontade e a ânsia de conseguir algo, o que implica conflito e uma luta para chegar. Este esforço consciente, deliberado, realiza-se sempre dentro dos limites de uma mente condicionada, e nesta não existe liberdade. Todo o esforço para meditar é contrário à meditação. A meditação vem com o cessar do pensamento. E só então se revela uma dimensão diferente, que está além do tempo.”

É pois necessária muita atenção, porque podemos julgar que entrámos em meditação, e continuamos atrelados à nora da estrutura mental do conhecido já existente anteriormente, percorrendo o mesmo círculo continuamente.

Quando o homem faz, da meditação, um estado natural da sua vida, ela torna-se sempre presente. Nela não há um princípio nem um fim; ela é o meio e a concretização.

A meditação tem que ser descoberta pelo homem individualmente, a sós consigo mesmo, fora de qualquer autoridade externa. Porque meditar é compreender o que é o facto, e seguir para além dele.

A meditação é um caminho luminoso de amor, que constitui “a última fronteira” da ascese terrena.

05-11-2005

Abrame